

GABRIELLE BOSSIS

Ele e eu

textos escolhidos

Seleção

Paulo Monteiro Ramalho

Tradução

Cristian Roberto M. de S. Clemente

4ª edição



QUADRANTE

Extraído de
Lui e moi. Entretiens spirituels

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bossis, Gabrielle, 1874-1950

Ele e eu: textos escolhidos / Gabrielle Bossis; seleção de Paulo Monteiro Ramalho; tradução de Cristian Roberto M. de S. Clemente — 4ª ed. — São Paulo: Quadrante, 2025.

ISBN: 978-85-7465-596-3

1. Espiritualidade 2. Jesus Cristo – Meditação 3. Vida cristã -
Meditação I. Ramalho, Paulo Monteiro I. Título

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

Espiritualidade : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270

01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR	5
PREFÁCIO DE DANIEL-ROPS ao segundo volume da edição original.....	11
RECOLHIMENTO	21
NO DIA A DIA	49
NO TRABALHO	61
NAS CONTRARIEDADES	71
EM DESLOCAMENTOS.....	89
DURANTE AS PRÁTICAS DE PIEDADE.....	99

NO RELACIONAMENTO COM OS OUTROS	129
INTIMIDADE COM NOSSA SENHORA	143
A META: SANTIDADE	149

NOTA DO EDITOR

Sem desejarmos adiantar aqui o que Daniel-Rops diz no prefácio à segunda edição de Lui et moi, que reproduzimos a seguir, parece no entanto conveniente apresentar ao leitor alguns dados que o complementem.

Gabrielle Bossis, a autora — ou «coautora» — dos diálogos com Cristo publicados com o título «Ele e eu», dos quais se faz uma antologia nestas páginas, nasceu em Nantes a 26 de fevereiro de 1874. O pai chamava-se Auguste Bossis; a mãe, Clémence Barthélemy, e os irmãos Auguste, Clémence e Marie.

A menina cresceu num ambiente culto e refinado. O pai faleceu em 1898, a mãe em 1908 e, quatro anos depois, também a irmã Clémence. Gabrielle, que não se tinha casado,

passou a morar sozinha e dedicou-se a dar aulas de catecismo e a ajudar na sua paróquia. Foi também enfermeira da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial.

A família Bossis possuía, na cidade de Le Fresne-sur-Loire, próxima de Nantes, uma casa de veraneio onde Gabrielle passava parte do tempo. Em 1923, a pedido do pároco desse povoado, escreveu e representou uma opereta moral chamada Le Charme. O espetáculo foi um enorme sucesso. Nos anos seguintes, a autora escreveu mais catorze sainetes (peças curtas com dois ou três personagens) e treze comédias de três atos, várias delas premiadas. Daí por diante, passou a fazer turnês pela França e pelo exterior, acompanhando as apresentações das suas obras e muitas vezes subindo ela mesma ao palco. Não a movia nenhuma ambição literária, mas apenas o desejo de despertar as consciências e fazer apostolado, e ela própria arcava com todas as despesas.

Até o fim da vida, e mesmo durante as suas viagens, viveu um intenso plano de

práticas de piedade, que incluía a Missa quotidiana, as visitas frequentes ao Santíssimo Sacramento, o Santo Rosário diário, a Hora Santa todas as quintas, e diversas mortificações corporais e interiores.

*Em 1936 começou a ter locuções interiores que durariam até a sua morte, e anotou-as em dez cadernos manuscritos, que viriam a constituir os sete fascículos da sua obra principal, *Lui et moi**. Em 1944, ainda durante a ocupação alemã, concordou em publicar alguns trechos desse diário, com a condição que pudesse permanecer no anonimato. O primeiro volume saiu em julho de 1949, com prefácios do bispo de Nantes e do decano da Faculdade de Teologia do Institut Catholique de Paris, que, sem se pronunciarem sobre a origem divina dessas locuções, garantiam a perfeita ortodoxia e utilidade desses textos.*

(*) *Lui et moi. Entretiens spirituels*, 7 vols., Beauchesne et Fils, Paris, 1949-1953.

Em agosto desse ano, a autora submeteu-se a uma operação cirúrgica para a retirada de um tumor no seio. No entanto, o câncer já se havia espalhado, e em começos do ano seguinte atingiu os pulmões. Gabrielle Bossis faleceu aos setenta e seis anos, na noite do Corpus Christi, entre os dias 8 e 9 de junho de 1950. Foi sepultada em Fresne. Para o seu túmulo, tinha escolhido uns anos antes a seguinte inscrição: «Oh, Cristo, meu irmão / trabalhar junto de Ti / sofrer contigo / morrer contigo / sobreviver em Ti».

* * *

Diz um conhecido autor de espiritualidade que toda a vida cristã consiste em «converter o monólogo interior em diálogo com Deus». E esse é também, originariamente, o conselho*

(*) Cf. Reginald Garrigou-Lagrange, *Las tres edades de la vida interior*, 9ª ed., Palabra, Madri, 1999, t. I, págs. 45-53.

de Cristo: É necessário orar sempre e não cessar de fazê-lo (Lc 18, 1).

A vida de Gabrielle Bossis, sobretudo nos últimos anos, consistiu nessa oração contínua. As frases selecionadas que se reproduzem nestas páginas exortam a viver esse diálogo, descrevem como fazê-lo, e representam um alimento substancioso que nos pode ajudar também a nós a empreendê-lo.

Não são apenas considerações teóricas, mas fragmentos de diálogo de uma simplicidade maravilhosa. Há aí conselhos práticos, imagens concretas que ajudam a envolver todo o nosso ser na oração: inteligência e imaginação, coração e vontade. Todas as circunstâncias da vida se tornam ocasião e momento adequado para essa conversa.

Este é um livro pensado, não tanto para alimentar a oração mental, mas sobretudo para introduzir-nos no recolhimento habitual, no diálogo permanente com Deus. Por isso, está organizado não de maneira temática nem cronológica, mas por situações práticas,

cotidianas. Manteve-se a numeração original ao final de cada ponto. Inevitavelmente, os temas entrecruzam-se e repetem-se com certa frequência, o que é compensado pela viveza das expressões e ideias, nascidas realmente de uma conversa viva, variada e afetuosa com Deus.

PREFÁCIO DE DANIEL-ROPS **ao segundo volume** **da edição original**

É uma história bela e impressionante — também ela a «história de uma alma» — a que nos contam os dois pequenos livros intitulados *Ele e eu*. O primeiro volume, publicado há dois anos, angariou um círculo de leitores fervorosos; o segundo, de publicação próxima, não é menos rico nem menos comovedor. Agora que a morte dispensa a escritora anônima (não dizemos «autora», e já veremos por quê) do voto de discrição que fez tão naturalmente, temos o direito de dizer quem foi que pôs sobre

o papel esses fragmentos fulgurantes de amor sublime, esses pensamentos frequentemente carregados da mais sobrenatural verdade.

Chamava-se Gabrielle Bossis. Passou os últimos anos da sua existência como uma dama de província, bastante velha quanto à idade (tinha nascido em 1874), mas que, segundo o testemunho unânime, soubera guardar uma extraordinária juventude de coração e de comportamento. Em princípio, morava em Nantes ou em algum povoado próximo às margens do rio Loire; digo «em princípio», porque a sua vida foi particularmente errante devido ao mais inesperado dos motivos.

Criada no meio da alta burguesia (seu pai, como acontecia nos bons tempos, nunca teve outra profissão que a de «capitalista»), Gabrielle, a caçula

de quatro irmãos, foi por muito tempo uma menina tímida, apagada, silenciosa, mais fácil de ser encontrada pensativa pelos cantos do que brincando com as outras crianças. Teria já começado, como que às apalpadelas, a experiência que veio a coroar a sua vida? Em todo o caso, era necessário que tivesse alguma razão para recusar, como fez, todas as ofertas de casamento, e nada nos impede de supor que essa razão fosse de ordem infinitamente interior. Também se diz que tinha muito jeito para as artes decorativas às quais as nossas avós se dedicavam: o bordado, a pintura, a iluminura, a música e mesmo a escultura, que era mais difícil. Nada disso a diferenciava de muitas moças de «bem» das famílias provincianas, nos ambientes tradicionais de começos do nosso século.

O acaso faria com que descobrisse em si um novo talento, a dramaturgia. Escreveu para algum patronato do Anjou uma daquelas peças de bom tom e moral perfeita, das quais está de moda sorrir, mas que não são assim tão fáceis de compor. Essa primeira tentativa foi coroada de sucesso, e a autora passou a escrever outras peças, muitas outras, todas obtendo a calorosa aprovação de um público crescente. A sua notoriedade foi tanta que ultrapassou os limites da sua província natal e ela teve de sair de Nantes e arredores para interpretar pessoalmente as suas obras em muitas cidades da França e, mais tarde, em diversos países estrangeiros: Bélgica, Itália, o próprio Marrocos, e até o Canadá e a Palestina! O gênio amável dos palcos fizera dessa provinciana uma grande viajante.

Foi no meio dessas circunstâncias que continuou a ter a sua experiência interior. Pensamos nas famosas palavras de Bergson: «Os grandes místicos geralmente foram homens e mulheres de ação, de um senso comum superior». A frase aplica-se perfeitamente a Gabrielle Bossis que, ao mesmo tempo que interpretava os seus esquetes do Cairo às Montanhas Rochosas, vivia uma vida espiritual extraordinariamente intensa. Como os verdadeiros místicos, teria podido repetir a famosa frase de São Paulo: *Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gl 2, 20).

Deverei confessá-lo? Essa existência dividida com tanta precisão entre uma face que se apresenta ao próximo, sorridente, dedicada ao nosso entretenimento, e outra consagrada à contemplação, toca-me profundamente. É verdade que

admiramos com justiça o místico que se encerra na sua cela e tem sob a cogula monacal a mais árdua de todas as experiências. Mas, enfim, os religiosos e as religiosas, para encontrar a Deus, escolheram afastar do seu caminho todos os obstáculos — infelizmente tão numerosos! — que o mundo lança no nosso. Por isso, um homem ou mulher que, sem deixar de ser semelhante a nós no plano humano e de viver em circunstâncias parecidas com as que conhecemos, se eleva em direção ao cume inacessível onde Deus se revela aos seus eleitos, esse dá-nos ainda mais motivo para nos enchermos de admiração.

Gabrielle Bossis foi sem dúvida uma verdadeira mística, e esses dois pequenos volumes de *Ele e eu* são a prestação de contas, quase a taquigrafia, daquilo que recebeu de Cristo ao longo de um

colóquio sublime com Ele. Esse tipo de diários íntimos não é raro e a nossa época viu surgir um bom número deles, muitos dos quais realmente extraordinários, como os de Lucie Christine, da Irmã Josefa Menéndez, de Elisabeth Leseur, comovente na sua simplicidade, ou as páginas reunidas sob o título de *Cum clamore valido*; a famosa autobiografia de Santa Teresinha de Lisieux coroa esse conjunto como um diadema. Nenhuma dessas obras deixa o cristão indiferente. O diálogo de uma alma com Deus é simultaneamente único e exemplar: para aqueles que o experimentam, é exclusivo e dirige-se apenas ao mais íntimo do seu ser, mas cada um daqueles que o leem pode ouvir-lhe o eco no seu próprio coração.

Os textos de Gabrielle Bossis apresentam-se como palavras do próprio

Jesus que a mística ouviu e prontamente pôs no papel. Até que ponto podemos admitir que isso é verdade e que o próprio Cristo se dignou falar a essa mulher do nosso tempo? A própria beneficiária chegou a ter dúvidas a esse respeito e a perguntar-se muitas vezes se não seriam a sua imaginação ou o seu orgulho que a enganavam. E a voz interior respondia-lhe com uma sabedoria admirável: «Duvidas de que seja Eu? Age como se fosse verdade». Ou ainda: «Mas mesmo que essas palavras saíssem da tua humanidade natural, por acaso não fui Eu quem criou essa humanidade? Não é a mim que deves referir todas as coisas?» O que era, na verdade, a melhor das respostas.

E é isto o que fascina o leitor desses textos, ou quem quer que medite nessa experiência. Ninguém relatou que

Gabrielle Bossis tenha tido visões, êxtases, manifestações grandiosas, nem que tenha sido vidente ou estigmatizada. Aparentemente, nada a distinguia de uma mulher como outra qualquer, uma velha senhorinha amável que amava a juventude, dançava e interpretava sobre os palcos e sabia sorrir a todos. No entanto, ao mesmo tempo as palavras que ouvia no íntimo vibravam com o som da mais alta verdade sobrenatural: constituíam um autêntico eco de Cristo.

A impressão que temos ao ler *Ele e eu* é, como diziam os primeiros cristãos, a de respirar *o bom odor de Cristo* (2 Cor 2, 15). Nada forçado nem excessivo, nada que viole a natureza humana ou a constranja para além dos seus limites. Há, sim, um chamado repetido e ardente à disciplina interior, à ascese, à luta contra si mesmo, mas que permanece

profundamente humano. O segundo volume, sobretudo, no qual a mística supera os primeiros obstáculos e se aproxima de Deus, possui um tom de plenitude simples e alegre, de serenidade no amor que, em muitos trechos, o assemelha às maiores obras-primas da literatura espiritual. Não é tarefa de um simples leitor determinar se Cristo realmente falou com essa alma, mas uma coisa é certa: essa alma viveu nEle e refletiu-nos um pouco da sua luz.

Daniel-Rops
Outubro de 1950